

## A LATRINA

Depois de tantas décadas, sentado no vaso sanitário, fico imaginando e analisando a fatuidade do tempo, essa coisa fictícia que as pessoas imaginam ser concreta. Não é o tempo, mas somos nós que passamos.

Relaxado, recordo-me dos princípios básicos da Psicologia Biológica. Passa-me pela cabeça a figura do velho René Descartes, o drama do método e outras sábias tolices sobre o comportamento humano. Quanta ilusão! Defecar ou não defecar, eis a questão.

Como abrir um dropes histórico de maneira interessante e motivar o leitor a prosseguir em sua leitura? Obrigá-lo a olhar para trás e avaliar o quanto progrediu na vida. O que mais poderia cheirar tanto a costumes!

Como seria a 'privada' dos ilustres fundadores da Italiópolis?

E mais, da 'tolleta', o que os colonizadores italianos trouxeram da Europa para a Rainha do Sertão? O que teria caído em suas latrinas além das normais dejeções? A História Social é terrível e bate todas as demais de dez a zero.

Consta dos anais que em 1940 teve início a implantação da rede de água e esgoto em Italiápolis. E antes, e o 'antes' do bem antes!?

Foi um pesadelo administrativo que o Prefeito Giancarlo Ferraro, 30 anos antes tentara solucionar trazendo o Córrego São Pedro para dentro da Vila. O homem era abusado, porém lhe faltou o apoio financeiro genovês e a população permaneceu defecando na santa 'casinha'.

Não é preciso voltar em demasia no tempo ou exagerar nos detalhes descritivos, o leitor é rico em imaginação e saberá deduzir, neste aspecto, como se comportaram os fundadores da cidade. As dores de barriga eram resolvidas no mato e a higiene ficava por conta de folhas murchas e orvalhadas.

Calcule a lonjura do Tempo. Em 1.871 o nosso povoado recebia o nome de Capela do Espírito Santo do Córrego das Pedras, enquanto, na Europa, Giuseppe Verdi encenava a sua ópera Aida.

Os imigrantes italianos trouxeram costumes racionais e em suas propriedades construíram a 'fogna nera', modelo de 'privada' que unia os princípios do asseio à segurança. Lançado o costume a idéia evoluiu.

Quando um caboclo poderia pensar que um dia deixaria o desconforto da moita para usar uma casinha aconchegante e segura? Tivemos uma sensível queda no índice de óbitos por picadas de cobra.

Construir uma latrina requeria conhecimentos de engenharia, de cálculos e, sobretudo, do saber psicológico, o domínio da distribuição harmoniosa dos traçados do ir e vir na propriedade.

Regra geral, nos amplos quintais, distante pelo menos 20 metros do poço da água potável, abria-se uma fossa de 2 a 3 metros de uma profundida variável conforme o tamanho da família.

O construtor habilidoso calculava o diâmetro do círculo pela profundidade da fossa, mais o numero de anos a ser usada. Tudo na ponta do lápis.

Aberto o poço e assoalhado, erguiam-se paredes; vinha o madeirame e as telhas e por último a porta com dupla tramela, interna e externa. Obviamente, no centro do assoalho um caprichado buraco.

Este buraco, conforme sugestão da dona da casa, poderia ser quadrado ou redondo. O ovalado, comuns nas casas de tolerância, por pudor, raramente era encontrado. Pintada e cuidada, a casinha era um luxo.

As residências cujos fundos chegavam aos pequenos rios que cortam a cidade, mantinham as suas privilegiadas latrinas sobre as águas numa pragmática visão de higiene.

Defecava-se diretamente no leito do córrego, envolvido pela sonoridade das águas. Diziam as más línguas que o poeta Pero Neto, nesses momentos de solidão, teria escrito os mais doces versos à sua amada, a Tutu Barletta.

O poço artesiano e o forno, a água e o pão, viviam próximos, mas a casinha exigia distância, tato, tino e normalmente era erguida em locais discretos, disfarçados por pilhas de lenhas, galinheiros e ou sombreados cujas flores perfumavam o ambiente. Era o cartesianismo que se instalava em Italiápolis.

Fez parte da italianidade paulista o uso do urinol, o popular e indispensável penico, um vaso de ferro esmaltado para as emergências noturnas. O 'orinale da noana', após uma longa viagem através do Atlântico, manteve-se de prontidão.

O modelo de latrina evoluiu, de assoalho raso para um outro com assento tipo caixote. Foi um grande passo! Agora, o italiapolitano sentado, poderia relaxar os músculos e pensar na vida confortavelmente.

Nas propriedades rurais, além do assento, dois pequenos balaies foram adicionados no interior da latrina. Um azul e outro na cor amarela. No azul permaneciam os sabugos limpos e escovados e no outro os mesmos sabugos, porém depois de usados. Solução emergencial para o rolo de papel higiênico que entraria no mercado por volta de 1.948.

Como sempre, ao contrário de todos os animais, o dejetos humano continua problema sério, não apenas em Italiápolis, mas no planeta Terra. Em 1.930 o Prefeito nomeado pela Revolução, o Dr. Joaquim de Almeida Veloso, um caboclo com a visão premonitória, defendia a

substanciosa tese --- "se você fez é seu e não do Poder Público".

O tesconjuro do mineirinho Veloso procedia e os nossos rios que o digam.

Em baixo do piso do antigo Cine Lyan, agora agencia bancária, há uma fossa negra soterrada. Foi latrina de um velho prédio onde funcionou a Prefeitura Municipal de Italiápolis.

Nessa latrina legalmente constituída, histórica e rica, se encontram peças dignas de museu. Encontra-se uma caneta de ouro pertencente ao então Secretário Municipal, o Sr. José Toledo de Mendonça; uma abotoadura de ouro do Sr. Hermínio Semeghini, então Tesoureiro da Municipalidade; um relógio suíço do Sr. Vicente Cassini, Fiscal de Obras; um canivete sueco de madrepérola do Sr. Lucilo Alves Porto, na época Prefeito Municipal.

É evidente que há muito mais coisas, pois grande foi a freqüência, e mais, uma carta do Interventor, o Dr. Fernando Costa que por descuido ou pressa alguém dela fez uso.

Pela amostragem casual avalia-se o ouro soterrado nesta cidade. Quantas alianças, anéis simbólicos de noivados e casamentos, amores traídos, amores perdidos e atirados latrina adentro.